

## **A ORTODOXIA COMO FUNDAMENTO DA ORDEM POLÍTICA BIZANTINA E ELEMENTO DE LEGITIMAÇÃO PARA A REPRESSÃO DA OPOSIÇÃO POLÍTICA: O CASO DE ALEIXO I COMNENO (1081-1118)**

*João Vicente de Medeiros Publio Dias<sup>1</sup>*

**Resumo:** Após o fim das perseguições aos cristãos e com o aberto favorecimento ao Cristianismo dado por Constantino I (324-337), a Igreja ficou cada vez mais sob a proteção dos imperadores romanos e bizantinos. Ela passou a construir discursos legitimadores para o poder imperial. Isso resultou numa construção de mundo bem particular: os bizantinos passaram a defender a existência de uma ordem criada por Deus (τάξεις), cujo representante era o imperador, pois ele havia sido empossado com o Império (βασίλεια) fundado por Augusto e cristianizado por Constantino I. Apresentando-se, por conseguinte, como defensores dessa Ordem Divina, os imperadores tomaram para si o papel de tutores morais da sociedade bizantina e passaram a combater desvios teológicos. Vemos então que esse papel foi abertamente instrumentalizado pelos imperadores para reprimir grupos opositoristas ou de resistência ao governo do imperador reinante. Nota-se na análise desses processos que era comum que a repressão de desvios teológicos se misturasse com movimentos opositoristas de tal modo que não era mais possível diferenciar um do outro. Observava-se, igualmente, que resistências por razões religiosas podiam refletir insatisfações políticas dentro da sociedade. Portanto, nesse trabalho será abordado um exemplo desse fenômeno político-religioso: o processo contra o filósofo João Ítalo em 1082 sob a condução do imperador Aleixo I Comneno (1081-1118). Embora Ítalo tenha sido processado nos quadros da Igreja, por clérigos e sob argumentos teológicos, esse evento se desenvolveu dentro de uma conjuntura política e militar bastante tensa: sob invasão normanda, embates internos dentro do grupo político governante e tensões latentes entre o imperador e a elite de Constantinopla.

1734

**Palavras-chave:** Aleixo Comneno, João Ítalo, Ortodoxia, Oposição, Repressão

### **Introdução**

Após o fim das perseguições aos cristãos e com o aberto favorecimento ao Cristianismo dado por Constantino I (324-337), a Igreja ficou cada vez mais sob a proteção dos imperadores romanos e bizantinos, os quais não se limitaram a patrociná-la e a garantir o seu bem-estar, mas se apropriaram da Igreja como fonte legitimadora de sua autoridade e envolveram-se em suas questões internas, incluindo as teológicas. Os imperadores começaram

---

1 Possui Graduação em História (2002/2007) e Mestrado em História - Linha de Pesquisa Cultura e Poder - (2008/2010) pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente realizando um doutorado em Estudos Bizantinos na Universidade Johannes Gutenberg de Mainz orientado pelo Prof. Dr. Johannes Pahlitzsch e financiado pelo DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst). A pesquisa em desenvolvimento cujo título é "Oposição e resistência política contra Aleixo I Comneno (1056-1118)" tem como objetivo identificar a composição e as aspirações dos grupos opositores ao imperador bizantino Aleixo I, além de sua relação com o poder imperial.

então a perceber desvios na Ortodoxia não só como questões dogmáticas, mas igualmente políticas. E passaram, assim, a se dedicar às questões teológicas e ao combate desses desvios, convocando e conduzindo pessoalmente concílios ecumênicos. O resultado disso foi uma fusão bastante particular do sagrado com o profano e o lento surgimento de um novo modelo ideológico: a defesa bizantina da existência de uma ordem criada por Deus (τάξεις), cujo representante era o imperador, pois ele havia sido empossado com o Império (βασιλεία) fundado por Augusto e cristianizado por Constantino I. Nessa construção, os bizantinos eram o povo escolhido por Deus, e Bizâncio uma nova Israel. Rebeliões e tentativas de usurpação tinham, portanto, um aspecto sacrílego, uma vez que eram atos contra o imperador divinamente escolhido. Contudo, tais ações eram imediatamente legitimadas se bem sucedidas, pois o sucesso dos rebeldes e a queda de um imperador eram igualmente considerados com expressão da vontade divina. Essa aparente contradição permitiu que rebeldes e usurpadores não precisassem questionar o sistema político bizantino para aspirar ao poder, pois a própria *Ordem* lhes reservava um lugar. Se por um lado, tal aspecto protegeu esse sistema de contestações por um milênio de História repleta de guerras civis, usurpações e outras formas violentas de sucessão, por outro lado, desvios ao dogma, como as heresias, eram considerados particularmente perigosos, pois questionavam a mencionada *Ordem* e tudo o que dela dependia, incluindo o Império. Apresentando-se como defensores da Ortodoxia Cristã e, por consequência, dessa Ordem Divina, os imperadores tomaram para si o papel de tutores morais da sociedade bizantina e passaram a combater os desvios teológicos que podiam ser heresias, relaxamento dos hábitos dentro do clero e do corpo monástico ou tendências helenizantes dentro de círculos letrados. Vemos que esse papel foi abertamente instrumentalizado pelos imperadores para reprimir grupos opositores ou de resistência e que era comum que a repressão de desvios teológicos se misturasse com movimentos opositores de tal modo que não era mais possível diferenciar um do outro.

Observava-se que resistências por razões religiosas podiam refletir insatisfações políticas dentro da sociedade. E esses fenômenos repetiram-se durante toda História Bizantina, mas, em certos reinados, eles aconteciam com mais frequência ou eram mais observáveis do que em outros (Cheynet, 1996, pp. 157-190). Um exemplo disso foi o período de governo de Aleixo I Comneno (1081—1118). Desse modo, o objetivo dessa apresentação é perceber em que extensão a defesa da Ortodoxia se misturava com a repressão política. Para isso, será analisado o chamado “caso Ítalo” como exemplo.

## 1. Os antecedentes políticos

Em março de 1082, Bizâncio estava em crise. Depois de uma tomada de poder muito violenta, na qual Constantinopla caiu para tropas bizantinas, Aleixo Comneno fundou uma forma de governo de ocupação. Ele reprimiu membros da elite da cidade com processos provocados por supostas intrigas para depois desapropriá-los. Além disso, Aleixo I exigiu que a Igreja abrisse mão de suas posses ao Estado para financiar as muitas guerras travadas por ele. Para apoiar essas medidas polêmicas e mal vistas, o imperador amparou-se em sua família, principalmente em seu irmão, o *sebastokrator* Isaac Comneno, e sua mãe, Ana Dalassena (Zonaras, 1986, 18, 22, 738, trad. Trapp, S.165). A aliança com a família imperial Ducas que fora forjada através do casamento entre Aleixo Comneno e Irene Ducas e que legitimou sua tomada de poder, estava abalada nesse início de seu reinado. Espalhava-se o rumor de que Aleixo I queria se divorciar de Irene Ducas para se casar com a ex-imperatriz Maria da Alania, com quem ele já teria um caso (Ana Comnena, cap. 3, i-ii, trad. Sewters, 1969, pp. 104-105).

Maria da Alania já havia sido casada com Miguel VII Ducas, com quem ela teve um filho, Constantino Ducas, e com a deposição do marido, ela havia contraído segundas núpcias com o usurpador Nicéforo Botaneiates(1078-1081), uma união considerada ilegal por muitos, para supostamente proteger os direitos sucessórios do filho. A decisão de Botaneiates em dar a preferência a um parente seu, Synadenos, em lugar de Constantino Ducas, fez Maria da Alania buscar a proteção dos Comnenoi, com quem era ligada por aliança, e iniciou a cadeia de eventos que culminaram na queda de Nicéforo III e na ascensão de Aleixo I (Ana Comnena, cap. 2. ii, trad. Sewters, 1969, pp. 75-77). A hesitação de Aleixo Comneno em coroar Irene Doukas e o fato de os Comnenoi e os Ducai habitarem diferentes partes do palácio imperial pareciam confirmar esses boatos. Irene foi finalmente coroada, depois que os Ducai e seus apoiadores pressionarem Aleixo Comneno (Ana Comnena, cap. 3, ii, trad. Sewters, 1969, pp.106-108).

Fora da capital imperial a situação não estava melhor. Depois da derrota em Manzikert, em 1071, a Anatólia, que até então foi o cerne do Império Bizantino, fonte de soldados para seus exércitos e recursos para seu Erário, passou a ser ocupada por tribos turcomanas. As guerras civis que sucederam a essa derrota contribuíram com esse desenvolvimento, pois os turcos foram atraídos pelos rebeldes para dentro da Anatólia para assim apoiar diferentes reivindicações ao trono, como bem demonstrou a ascensão de Nicéforo Botaneiates ao trono em 1078 (Ataliates, 2012, cap. 32, pp.465-497). Quando Aleixo I se tornou imperador, restava somente na Antólia algumas ilhas de resistência bizantina, que

foram imediatamente abandonadas, pois o imperador recém-coroadado precisava de forças militares em um frente que, na opinião dele, era prioritário: os Balcãs.

Durante o reinado de Miguel VII Ducas, o seu filho e provável sucessor Constantino fora prometido a Helena, a filha de Roberto Guiscardo, o duque da Apúlia e Calábria, mas depois da deposição de Miguel VII em 1078, esse acordo foi rompido pelo usurpador Nicéforo III Botaneiates e Helena foi enviada a um monastério. Roberto Guiscardo instrumentalizou essa ofensa para justificar um ataque a Bizâncio. A deposição de Nicéforo III não mudou nada, assim Roberto Guiscardo prosseguiu com sua invasão (Ana Comnena, cap. 1, x-xv, trad. Sewters, 1969, pp. 53-68). Ele conseguiu uma importante vitória contra Aleixo I, na qual os normandos aniquilaram uma força bizantina que havia sido reunida com muitos custos por Aleixo e por fim conquistaram Dirraquio. Em março de 1082, as tropas normandas se encontravam na Via Egnatia marchando em direção a Tessalônica. Nesta situação complicada, acontece o “caso Ítalo”

## **2. A vida de João Ítalo e seu processo.**

Nossa única fonte sobre os primeiros anos da vida de João Ítalo é Ana Comnena (Ana Comnena, trad. Sewters, 1969, cap. 5, viii-ix, S.173-180). Segundo ela, João Ítalo era originário da Sicília, onde nasceu por volta de 1025. Seu pai era um soldado e Ítalo adquiriu os rudimentos de sua educação na medida em que o acompanhava. Ele e o pai fugiram para Lombardia no decorrer da revolta de Jorge Maniaces em 1043 e finalmente João Ítalo chega a Constantinopla, onde continua sua educação sob a condução de Miguel Pselo. Rapidamente surgiram atritos entre professor e aluno, e Ítalo se distanciou de Pselo. Ambos tinham claramente diferentes abordagens acadêmicas. Por um lado, Pselo era eclético em seus interesses, “multiforme” (παντοδαπός: Kaldelis, 2007, p. 195), como ele se descrevia, e um retórico reconhecido. Por outro lado, os interesses de Ítalo abrangiam o domínio da Metafísica e apesar de sua pronúncia marcadamente estrangeira e, segundo a opinião de Ana Comnena, bárbara, ele dominou, talvez de uma forma particularmente violenta, a arte da Dialética (Joannou, 1956, pp. 17-18; Clucas, 1981, pp. 128-177).

Depois da deposição de Pselo, Ítalo foi nomeado em 1055 Cônsul dos Filósofos e iniciou relações próximas e amigáveis com os Ducaí, os quais convidavam-no frequentemente para discussões literárias e científicas no palácio (Ana Comnena, cap. 5, viii, ed. Schoppeni, 1897, pp. 259,263, trad. Sewters, 1969, pp. 176-178). Essa amizade foi abalada por duas vezes durante o reinado de Miguel VII. Sendo Ítalo considerado um especialista em assuntos

italianos, ele fora enviado até Dirraquio para negociar com os normandos. Durante essa missão, ele foi acusado de conspirar com o inimigo e teve que se exilar em Roma. Porém, ele foi reabilitado rapidamente. Mais tarde, depois de uma denúncia, Ítalo teve que conceder ao patriarca Cosmas uma confissão de fé. Ela foi provavelmente considerada insuficiente, pois foi anatematizada. Porém, anonimamente, e presumivelmente por influência do imperador.

A sorte de Ítalo mudou quando Aleixo I Comneno foi coroado, pois um novo processo contra João Ítalo, cujas motivações serão tratadas mais a frente, foi iniciado nesse março de 1082.

Ambas as fontes sobre o processo, a *Alexiada* e as atas processuais, se contradizem. Por um lado, afirma Ana Comena que seu pai — chocado por causa das agitações causadas por Ítalo na Igreja e na Política — exigiu que ele fosse investigado por Isaac Comneno. Seguro de que Ítalo causou de fato muitas agitações e enganou a muitos (τὸν δὲ Ἰταλὸν εὐηκῶς θορύβων τὰ πάντα μεστὰ ποιούμενον καὶ πολλοὺς ἔξαπατῶντα), Isaac Comneno ordenou que Ítalo comparecesse a uma corte eclesiástica (*Ana Comnena*, cap. 5, ix, ed. Schoppeni, 1897, pp. 265, trad. Sewters, 1969, pp. 179). Por outro lado, está nas atas do processo que ele foi causado por pedidos insistentes de Ítalo ao patriarca para inocentá-lo, pois a suspeita de impiedade havia caído sobre ele, apesar da anonimidade do processo anterior (Gouillard, 1986, pp. 134-174). Clucas afirma – e eu tendo a concordar com ele – que, por causa da perceptível influência imperial durante todo o processo, é possível que Ana Comnena esteja correta, mas a narrativa de que o patriarca teria sido o iniciador do processo foi criada para se adaptar a antigos modelos da divisão dos âmbitos imperiais e patriarcais (Clucas, 1981, p. 19).

Durante uma audição conduzida pelo patriarca Eustrácio Garida, uma multidão invadiu Santa Sofia e Ítalo teve que se esconder no telhado (*Ana Comnena*, cap. 5, ix, ed. Schoppeni, 1897, pp. 265-266, trad. Sewters, 1969, pp. 179-180; Gouillard, 1986, pp. 140-144). Depois disso, o processo foi passado ao imperador que, então, passou a controlá-lo de muito perto. A partir de então, Ítalo passou a ser achincalhado.

A confissão de fé enviada ao sínodo foi, se nos atermos aos atos, superinterpretado e Ítalo foi acusado de ser ao mesmo tempo um pagão, um sabeliano, um nestoriano, um idólatra e um iconoclasta. Nenhuma obra dele chegou a ser citada. Aqui e ali, observa-se nos atos que Ítalo tentou apresentar uma defesa tímida, mas que era imediatamente repreendida. No fim, Ítalo reconheceu seus erros e os anatematizou. Ele e seus discípulos foram proibidos de ensinar, e as afirmações anatematizadas foram lidas por Ítalo publicamente na Basílica de

Santa Sofia. O destino de João Ítalo depois do processo é desconhecido (Gouillard, 1986, pp. 144-160).

### **3. Intepretação**

A interpretação política do “caso Ítalo” não é nova (Joannou, 1956, pp. 9-31; Clucas, 1981; Angold, 2008, pp. 615-616; Malamut, Elisabeth. 2007, pp. 198-210, 301-307; Browning, 1975, pp. 3-23, Magdalino, 1996a, pp. 198-218; Smythe, 1996, pp. 232-259.). Entretanto, aspectos já conhecidos podem e devem ser observados sob a luz de novas investigações. É possível também apresentar pontos de vista completamente novos, segundo o meu conhecimento.

Perikles Joannou destaca que é simbólico que Ítalo tenha sido processado nos tempos críticos quando Dirraquio foi conquistada pelos normandos e em que estes estavam marchando em direção a Tessalônica (Joannou, 1956, pp. 25.). Por essa razão, Joannou estava convencido de que Aleixo temia uma aliança entre os normandos e os Ducai, pois ambos já teriam uma trato anterior, isto é, o noivado já citado entre o filho de Miguel VII e a filha de Roberto Guiscardo. (Joannou, 1956, p. 23) Além disso, as relações entre Aleixo I e Maria da Alania e seus apoiadores estariam abaladas. As razões seriam o reconhecimento de Constantino Ducas, o filho de Maria da Alania, como sucessor de Aleixo I. Assim, por causa de suas origens italianas, sua influência sobre a sociedade em Constantinopla, as antigas acusações de ter conspirado com os normandos e suas ligações próximas com os Ducai, em especial com Maria da Alania, Ítalo seria o alvo ideal para um processo de grande repercussão.

O objetivo de Aleixo foi, segundo Joannou, enfraquecer o partido de Constantino Ducas e apresentar-se frente ao povo e aos monges como o paladino da ortodoxia. Joannou está, em minha opinião, correto ao apontar que o processo está profundamente ligado às relações que o acusado tinha com os Ducai. Porém, é importante que se leve em consideração que as relações de Ítalo com esta família e as consequências de um processo por heresia não se limitavam a Maria da Alânia e seu filho, mas se estendiam a toda essa linhagem.

A aliança entre os Ducai e os normandos e o perigo que estes últimos representavam foram também levados em consideração por Lowell Clucas e Robert Browning (Browning, 1975, pp. 13-15). Clucas aceita as conclusões de Joannou (Clucas, 1981, pp. 11-14), mas relaciona o “caso Ítalo” com diferentes concepções teológicas da chamada elite militar (τὸ στρατιωτικὸν) e elite civil (τὸ πολιτικὸν). Aleixo I seria, desse modo, um representante da elite militar, que tinha valores mais conservadores e era influenciada por movimentos místicos

recém-surgidos, como aquele de Simão, o Novo Teólogo. Então, a elite militar teria visto o trabalho de letrados como Pselo e Ítalo com desconfiança, pois estes iniciaram, com o apoio de imperadores como Constantino IX Monomaco e Miguel VII Ducas, a lançar mão de métodos e concepções dos filósofos gregos da Antiguidade para lidar com a Teologia.

Quando Aleixo I tornou-se imperador, este fomento não somente chegou ao fim, mas também o imperador passou a se esforçar para reformar a educação, pois ele intencionava restabelecer a antiga separação entre a Teologia, o conhecimento interno, e a Filosofia Clássica, o conhecimento externo (Clucas, 1981, *passim*; Gounardis, 2006, pp. 35-47).

Essas conclusões não podem ser ignoradas e elas não contradizem as interpretações que destacam os aspectos políticos, pois, nos séculos XI e XII, misturaram-se disputas políticas com debates intelectual dos letrados (Magdalino, 1983, pp. 326-346; Kazhdan, 2006, pp. 23-86; Kralis, 2009, pp. 35-53.).

Apesar do tratamento de Clucas ter seu valor, ele parte do pressuposto que a aristocracia em Bizâncio era dividida em dois grupos perceptíveis: os funcionários civis e os militares. Esse ponto de vista é bastante contestado. Kaegi (Kaegi, 1993, p. 29) afirma que isso seria uma simplificação e é difícil comprová-la. Entre os problemas listados por ele estão a inexactidão nas terminologias explícitas para a descrição e construção de conceitos de aristocracias civil e militar, ligações matrimoniais entre famílias “civis” e “militares”, uma compreensão insuficiente da complexidade e da variedade dos *modi operandi* do exército em tempos anteriores e a impossibilidade de uma classificação clara quando certos conflitos internos são conferidos de perto. Então, observa-se uma diminuição constante no número de defensores dessa teoria.

Outra crítica significativa a essa interpretação é “*Pouvoir et Constestation*” de Jean-Claude Cheynet (Cheynet, 1996, pp. 191-198), por meio da qual o bizantinista francês demonstra que houve uma complexa e flexível rede de uniões matrimoniais na origem da aristocracia bizantina, e que não se pode atribuir a seus membros nenhuma identidade exatamente delineada. Contudo, isso não significa que não houve tensões entre as lideranças dos militares e a dos funcionários civis, mas o significado delas não deve ser exagerado ou supersimplificado. Assim, a refutação dessa teoria não resolveu a problemática dos embates políticos do século XI, mas apenas removeu um impedimento para sua compreensão. (Walter, 1993, p. 30)

Deve ser observado que Ítalo criou agitações não só na Igreja, mas também na política. Ana Comnena afirmou: “*Então entre estes seus discípulos, que foram acima mencionados, Ítalo estava em*

seu auge. Ele se aproximava de todos desdenhosamente, incitando os mais simples a se rebelarem e restabelecendo como tiranos não poucos dos seus próprios discípulos”. A historiadora levou sua narrativa mais além, dizendo “Eu poderia citar muitos se o tempo não tivesse me tirado a memória.” (Ana Comnena, cap. 5, ix, ed. Schoppeni, 1897, pp. 264)<sup>i</sup>. Aqui ela se desculpa por sua idade avançada por não conseguir mais se lembrar de nomes. Contudo, percebe-se que Ana Comnena já havia mencionado num trecho anterior o nome de alguns discípulos de Ítalo: João Salomão, um certo Iasites e outro Servlias. (Ana Comnena, cap. 5, ix, ed. Schoppeni, 1897, pp. 263)<sup>ii</sup>

Os Servliai e os Iasitai eram famílias com tradição no funcionalismo imperial. Além disso, João Salomão e os Iasitai tiveram um histórico problemático com os Comnenoi. Tanto João Salomão quanto *um certo* Iasitai se envolveram na conspiração de Anemas (1100—1101). Ademais, Aleixo I Comneno chegou a casar uma de suas filhas, Eudócia Comnena, com Constantino Iasites, mas ele não se ajustou a família da esposa e acabou sendo expulso do palácio, pois a teria maltratado e desrespeitado a sogra, a imperatriz Irene Ducas. (Zonaras, trad. Trapp, 18, 22, 740, p. 166, Migne Ed. Liv. XVIII, 299, p. 302)

Levando em consideração a prontidão de Ana Comnena de se lembrar de alguns nomes e esquecer outros, em especial aqueles que Ítalo “restabeleceu como tiranos”, nos deixa claro o mal-estar da historiadora em citar alguns nomes específicos. Na minha opinião, estas declarações se referem aos Ducai.

As relações entre João Ítalo e os Ducai não se limitavam a Maria da Alânia e o *porphyrogenetes* Constantino Ducas. Ana Comnena deixou bastante claro que Ítalo frequentava a companhia não somente do imperador Miguel VII Ducas, mas também de seus irmãos (Ana Comnena, cap. 5, ix, ed. Schoppeni, 1897, pp. 259, trad. Sewters, p. 175). Ítalo parecia, desse modo, ser próximo de toda a família. Logo, Aleixo I, ao humilhar publicamente João Ítalo, teria prejudicado a família de sua esposa pela longa, conhecida e próxima relação dos Ducai com Ítalo. Qual seria o objetivo de Aleixo ao atacar os Ducai, que eram seus aliados e base de sustentação de sua autoridade imperial? A aliança entre os Ducai e os Comnenoi foi o fruto de contingências históricas (Cheynet, p. 370; Magdalino, 1996b, p. 152). Os Comnenoi tiveram que enfrentar contratempos sérios em sua ascendência política acelerada iniciada por Manuel Comneno Erótico durante o reinado de Basílio II (976-1025) e coroada com a ascensão ao trono de Isaac Comneno, o filho de Manuel Comneno, em 1057. Depois de ter sido abandonado por seus apoiadores, Isaac Comneno é forçado a renunciar em 1059 (Malamut, 2007, pp. 33-37; Angold, 1985, pp. 70-78; Lilie, 2003, pp. 264-271; ) e seu irmão João



Comneno morre em 1069 (Kouroupou, 2005, Entrada 29, p. 65), deixando esposa deste último, Ana Dalassena, viúva e responsável pelo destino da linhagem e dos filhos ainda pequenos.

Os Comnenoi voltam a ter destaque durante o reinado de Romano IV Diogenes (1068-1071) (Attaleiates, *Historia*, 19, pp. 253-261). Entretanto, a derrota de Manzikert em 1071 e o apoio dado a Romano IV por Ana Dalassena durante a guerra civil após essa derrota, devido ao ódio que ela nutria pelos Ducai, por acreditar que eles haviam tomado o trono dos Comnenoi, revelou-se outro contratempo, pois Romano Diogenes foi derrotado e cegado e Ana Dalassena brevemente exilada com seus filhos. (Polemis, 1968, p. 37; Nikephoros Bryennios, 1975 1,22, p. 128f). Logo, o casamento entre Aleixo I Comneno e Irene Ducas em 1078 foi uma tentativa de reaproximação de duas famílias que aparentemente estavam rompidas, mas necessitavam de apoio político e nunca uma aliança forjada para dar sustentáculo a um governo imperial. Entretanto, isso não quis dizer que antigos ressentimentos haviam sido esquecidos, somente deixados de lado temporariamente para ressurgirem mais tarde. Quando Aleixo tornou-se imperador, houve uma adaptação complicada a nova situação. A aproximação de Aleixo com Maria da Alânia mostrou que houve uma tentativa de reavaliação dessa aliança. Contudo, os Ducai deixaram claro que eles não podiam simplesmente ser deixados de lado. Aleixo percebeu que, pelo menos nesse breve início, ele dependia da família de sua esposa, o que muito provavelmente deixou o imperador numa posição incômoda. Assim, o caso Ítalo pode ser analisado sob a ótica dessa luta por hegemonia dentro da facção Comnenoducas. Por um lado, Aleixo e os Ducai se necessitavam, logo eles não podiam se livrar um do outro. Por outro, cada uma dessas linhagens tinham projetos e interesses próprios e por vezes destoantes. O imperador, desse modo, ao processar Ítalo, tencionou melhorar sua posição neste debate interno, apresentando-se a população de Constantinopla como um defensor dos dogmas e da ortodoxia ao mesmo tempo em que ele pôs a reputação dos Ducai em dúvida. Caso esse fosse o objetivo de Aleixo I, ele não queria antagonizar os Ducai. Desse modo, esclarece-se porque Ítalo sofreu um processo eclesiástico e não um político (Gouillard, 1985, pp. 158-160). Aleixo I queria muito provavelmente criticar indiretamente o círculo de amigos e os gostos intelectuais dos Ducai sem expor seus aliados e dar alguma justificativa para um rompimento.

Além das tensões criadas pelas invasões normandas e pelos desentendimentos com os Ducai, houve mais um fator de instabilidade que até então não fora levado em consideração nas análises sobre esse evento. Durante a sua tomada de poder, Aleixo Comneno permitiu que

suas tropas tomassem de assalto Constantinopla. (Zonaras, trad. Trapp, 18, 20, 729, p. 160, Migne Ed. Liv. XVIII, p. 294) Foi a primeira vez que isso aconteceu. Ademais, Zonaras afirma que os senadores foram especialmente visados nesse evento. Segundo ele, os soldados de Aleixo Comneno, depois de atacar e roubar os senadores que por acaso encontrassem no caminho, teriam os deixado semi-nús e a pé na rua. Esse evento foi uma completa novidade na História Bizantina, o qual teve seguramente efeitos nas relações do imperador recém-coroadado com a população da cidade, especialmente com as suas famílias mais influentes.

Os trechos anteriormente mencionados da obra de Ana Comnena apontam que esse período militarmente sensível resultou em movimentos políticos de tal modo frenéticos dentro da cidade, que Aleixo I teve que interromper sua campanha contra os normandos para reprimí-los. Apesar de ele ter deixado a administração da cidade e do império nas mãos de Ana Dalassena e de Isaac Comneno, seus colaboradores mais confiáveis, o imperador não conseguia se sentir seguro sempre que tinha que deixar a cidade. Desse modo, percebe-se uma estratégia ao longo do processo para que Aleixo pudesse ter algum apoio em Constantinopla além do seu ainda pequeno círculo de parentes e apoiadores políticos.

No édito de 1107, no qual ele estabelece a chamada Escola Patriarcal, Aleixo I declarou-se movido por uma preocupação pela alma dos ortodoxos, em especial dos mais simples (Magdalino, 1996a, p. 199). Essa mesma preocupação apareceu na *Alexiada*, quando a autora afirma que Ítalo induziu os “simplórios” a rebelião. É também perceptível que ela faz, neste trecho, uma clara diferenciação entre esses simplórios e os discípulos de Ítalo. Além disso, essa preocupação apareceu repetidas vezes nas atas do processo (Gouillard, pp. 148-154). Ítalo foi acusado de tentar não somente introduzir elementos pagãos e heréticos na Ortodoxia, mas também, através destes, pôr em risco as almas dos simplórios. Essa preocupação poderia ser somente o reflexo de modelos de virtudes imperiais. Contudo, a defesa da Ortodoxia frente aos desvios seria o suficiente para se adaptar aos modelos antigos. Aleixo I foi além e se apresentou como o protetor das almas dos incultos e dos pobres frente às heresias acadêmicas dos ricos e dos letrados. É possível igualmente observar um interesse popular pelo processo, pois uma multidão enfurecida invadiu a audiência inicial sob a condução do patriarca Eustrácio Garida (Gouillard, Jean, *Le procès officiel de Jean l’Italien*, 1985, S. 144; Ana Comnena, cap. 5, ix, ed. trad. Sewters, p. 179-180). Então, seria possível aqui identificar uma aproximação do imperador junto ao povo constantinopolitano? Aleixo agiu seguramente de uma forma diferente de seus antecessores, os quais cooptavam pelas distribuições de honrarias os mercadores ricos, mas desejosos de reconhecimento social (Angold, Michael,

1985, pp. 94—98; Treadgold, 2007, pp. 677—684; Lilie, 2003, p. 268; Bravo Garcia & Alvarez Arza, 1988, pp. 77—132; Kazhdan, Alexander; Eppstein, Ann Wharton, *Change in Byzantine Culture*, 1985, S. 62—70, Lemerle, Paul, 1977, pp. 251—313; Schreiner, 2011, pp. 54, 80, Fögen, 1993, pp. 41—85; Cheynet, 1996 S. 199—205.). Aleixo Comneno pareceu tentar não formar alianças com alguns indivíduos que eram influentes e que o apoiariam politicamente, mas criar uma forma de relação pessoal com as multidões da cidade. O ponto de encontro seria a consideração pela tradição e o dogma e um desdém com relação aos filósofos.

Pode soar estranho, pois aqui estamos tratando de um imperador que desde sempre foi ligado a um governo aristocrático. Contudo, percebe-se que Aleixo dá preferência a eventos públicos espetaculares, em especial quando se trata de punições, por exemplo, a condenação a morte de Basílio, o Bogomilo, o cortejo de humilhação depois da descoberta da conspiração dos irmãos Anemas, entre outras conspirações, ou a confissão pública de Ítalo em Santa Sofia em frente de toda comunidade ao fim do processo (Ana Comnena, cap. 5, ix, ed. trad. Sewters, p. 180). A mesma mão que pune era aquela que fomentava e protegia, pois Aleixo I não poupou nenhum gasto para renovar e expandir o *Orphanotropheion*, uma espécie de hospital, asilo, orfanato e escola localizada na capital. Aqui o imperador seguiu o modelo tradicional da filantropia, mas também de forma diferente de seus antecessores, cuja filantropia era expressa através da distribuição liberal de honras e riquezas. É possível, então, que a preocupação constante pela alma dos “simplórios”, o assalto da multidão enfurecida e a humilhação pública de Ítalo apontem que o imperador iniciou um processo de aproximação junto às camadas mais humildes da população de Constantinopla. Sob o pretexto de proteger a fé correta dos mais simples, Aleixo Comneno desejou o apoio dos pobres e dos miseráveis contra seus inimigos que podiam ser ricos, mas eram poucos em número.

### Conclusões

Ao longo do trabalho, eu me interessei pela forma em que o imperador reprimiu as agitações causadas por Ítalo e como a Ortodoxia foi utilizada para realizar isso. Foi constatado, então, que a repressão foi levada a cabo em duas direções. De cima para baixo, tendo o poder imperial lançado mão de todos os meios possíveis para condenar Ítalo. De baixo para cima, no momento em que uma parte do povo, os iletrados, que representavam a maioria da população da cidade imperial, através de uma ligação com imperador que seria reforçada posteriormente, pressionou o Sínodo a condenar Ítalo e seus ensinamentos. Essa cooperação é explicável através do fato que o imperador e essa camada da população

compartilhavam a mesma veneração pela fé ortodoxa tradicional e despeito pelos debates filosóficos. Dessa forma, Aleixo foi capaz de calar os discípulos de Ítalo, anatematizar seus ensinamentos e desencorajar qualquer movimento político do qual ele pode ter participado, além de – involuntária ou, na minha opinião, voluntariamente – desmoralizar os Ducai, com quem ele mantinha uma desconfortável relação de dependência.

## **Bibliografia**

### **Fontes:**

ATALIATES, Miguel, *Historia*, edição de Inmaculada Pérez Martin, tradução de Anthony Kaldellis e Dimitri Krallis. Cambridge, Londres: Harvard University Press, 2012.

BRIENIO, Nicéforo, *História*, edição e tradução de Paul Gautier, Bruxelas, Byzantion, 1975.

COMNENA, Ana, *Alexiada*, Edição Schoppeni, *Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae*, Bonn: Weber, 1839.

COMNENA, Ana, *Alexiada*, Tradução de E.R.A. Sewters, Londres, Penguin Books, 1969.

GOUILLARD, Jean, *Le procès officiel de Jean l'Italien*. *Travaux et Mémoires*, 9, Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1985, pp. 134-174

KOUROUPOU, Matoula; Vannier, Jean-François, *Commémoraisons des Comnènes dans le typikon liturgique du monastère du Christ Philanthrope* (ms. Panaghia Kamariotissa 29). *Revue des études byzantines*, 63, Paris, 2005.

ZONARAS, Johannes. *Crônica (Militärs und Höflinge im Ringe um das Kaisertum: 969 bis 1118 nach der Chronik des Johannes Zonaras)*. Traduzido, introduzido e explicado por Erich Trapp, *Byzantinische Geschichtsschreiber*, Graz, Wien, Köln: Styria, 1986

ZONARAS, Johannes. *Crônica*, editado por J. P. Migne, *Patrologia Graecae*, CXXXV, Paris: Garnier, 1887

### **Referências**

ANGOLD, Michael *The Byzantine Empire: a Political History (1025-1204)*, Londres, Nova York, 1985.

ANGOLD, Michael *Belle époque or crises (1025-1118)*. In: Jonathan Shepard (org.), *The Cambridge History of the Byzantine History, c.500-1492*, Cambridge: Cambridge University Press 2008, pp. 583–627.

BRAVO GARCIA, Antonio; ALVAREZ ARZA, Maria José, *La Civilización bizantina de los siglos XI y XII: notas para um debate todavía abierto*. In : *Erytheia*, vol. 9, 1988, n. 1,

BROWNING, Robert, *Enlightenment and Repression in Byzantium*, in *Byzantium in the Eleventh and Twelfth Centuries. Past & Present*, n. 69, Oxford, pp. 3–23.

CHEYNET, Jean-Claude, *Pouvoir et Contestations à Byzance (963-1210)*. Paris: Publications de la Sorbonne (*Byzantina Sorbonensia*, 9), 1996.

CLUCAS, Lowell *The Trial of John Italos and the Crisis of Intellectual Values in Byzantium in the Eleventh Century*, Munique: Institut für Byzantinistik, Neugriechische Philologie und Byzantinische Kunstgeschichte der Universität München (*Coletania Byzantia Monacensia*, 26), 1981.

FÖGEN, Maria Theres, *Das politische Denken der Byzantiner*. In : Iring Fetscher et Herfried Münkler (Org.), *Pipers Handbuch der Politischen Ideen*. Zúrique: Piper (2) 1993, pp. 41–85.

GOURNARDIS, Pâris, *Le procès de Jean dit Italos révisé*, In: *Historein*, vol. 6, 2006 pp. 35–47. Disponível em: <http://www.historeinonline.org/index.php/historein/article/view/58/56>, Acesso em: 24/02/2015.

JOANNOU, Perikles *Christliche Metaphysik in Byzanz I: die Illuminationslehre des Michaels Psellos und Joannes Italos*, Ettal (*Studia Patristica et Byzantina*, 3), 1956.

KAZHDAN, Alexander; EPPSTEIN, Ann Wharton, *Change in Byzantine Culture in the Eleventh and Twelfth Centuries*, Berkeley: University of California Press, 1985.

KAZHDAN, Alexander, *John Italos*, In: KAZHDAN, Alexander(org.), *The Oxford Dictionary of Byzantium*, Vol. 2. Nova York, Oxford: Oxford University Press, 1991

KAZHDAN, Alexander; FRANKLIN, Simon, *Studies on Byzantine Literature of the Eleventh and Twelfth Century*. Cambridge University Press, 2009.

KRALIS, Dimitri, “Democratic” action in eleventh-century Byzantium: Michael Attaleiates’s “republicanism” in context. In : *Viator*, 40,2, 2009, pp. 35–53.

LEMERLE, Paul, *Cinq Études sur le XI<sup>e</sup> siècle byzantin*. Paris: Éditions du centre national de la recherche scientifique, 1977.

LILIE, Ralph-Johannes, *Byzanz: das zweite Rom*, Berlin : Siedler, 2003. TREADGOLD, Warren, *A History of the Byzantine State and Society*, Stanford : Stanford University Press, 2007.

MAGDALINO, Paul, *Aspects of Twelfth-Century Byzantine Kaiserkritik*, In : *Speculum*, vol. 58, n° 2, 1983, pp. 326–346.

MAGDALINO, Paul, *The Reform Edict of 1107*, In: MULLET, Margareth Mullet et SMYTHE, Dion (Org), *Alexios I Komnenos: Papers of the second Belfast Byzantine International Colloquium, 14-16 April 1989*, Vol. 1, Belfast: Belfast Byzantine Texts and Translations (1), 1996a, p. 199–218.

MAGDALINO, Paul, *Inovations in government*. In: MULLET, Margareth Mullet et SMYTHE, Dion (Org), *Alexios I Komnenos: Papers of the second Belfast Byzantine International Colloquium, 14-16 April 1989*, Vol. 1, Belfast: Belfast Byzantine Texts and Translations (1), 1996b, p. 146–166.

MALAMUT, Élisabeth Alexis *Ier Comnène*, Paris: Ellipses Éditions, 2007.

SCHREINER, Peter, *Byzanz 565-1453*, 4. aktualisierte Auflage, Munique: Oldenburg Verlag, 2011.

SKOULATOS, Basile *Les personages byzantins de l’Alexiade. analyse prosopographique et synthèse*. Louvain-la-neuve, Leuven : Bureau de Recueil; Éditions Nauwelaerts, 1980

SMYTHE, Dion, Alexios I and the heretics: the account of Anna Komnene's Alexiad. In: MULLET, Margareth Mullet et SMYTHE, Dion (Org), Alexios I Komnenos: Papers of the second Belfast Byzantine International Colloquium, 14-16 April 1989, Vol. 1, Belfast: Belfast Byzantine Texts and Translations (1), 1996, p. 232–259.

---

i ἔνθεν τοι καὶ πρὸς τὰ κατὰ τὸν Ἰταλὸν ἀνατρέχεται ὁ λόγος. ἐν τούτοις οὖν τοῖς ἄνθεν ῥηθεῖσιν αὐτοῦ μαθηταῖς ἀμάρζων ὁ Ἰταλός, πᾶσι καταφρονητικῶς προσεφέρετο, τοὺς πολλοὺς τῶν ἀνοήτων πρὸς ἀναρσίας ἀνακινῶν καὶ τυράννους ἐκ τῶν οἰκείων μαθητῶν οὐκ ὀλιγοὺς ἀποκαθιστάς. Καὶ εἶχον πολλοὺς προσφέρειν, εἰ μὴ ὁ χρόνος μετὴν μνήμην ἀφείλετο.

ii Καὶ ὄρα μοι τοὺς τούτου μαθητάς, τὸν Σολομῶντα Ἰωάννην καὶ τινὰς Ἰασίτας καὶ Σερβλίας καὶ ἄλλοθι τάχα περὶ τὴν μάθησιν ἐσπουδακοτάς. ὧν τοῦς πλείους θαμὰ φοιτῶνας πρὸς τὰ βασιλεία καὶ αὐτὴ ἐθεασάμην ὕστερον.